



CINEMA PARADISO

Boletim n. 362

São Paulo, 16 de julho de 2014



Próxima Reunião: 20/07/2014 - Domingo às 16 h

O AMOR É UM CRIME PERFEITO (L'Amour Est un Crime Parfait)

Direção de Jean-Marie Larrieu e Arnaud Larrieu (*)

(*) Os irmãos Arnaud (31/03/1966) e Jean-Marie (8/4/1965) nasceram em Lourdes, na França. São diretores, roteiristas, produtores e editores. Depois de curtas e médias metragens, realizaram os longas: *Um homem de verdade* (2003), *Pintar ou Fazer Amor* (2005), *Viagem aos Pireneus* (2008), *Os últimos dias do mundo* (2009) e *O Amor é um crime perfeito* (2013).

O IMPORTANTE É QUE A NOSSA EMOÇÃO SOBREVIVA!

*É provável que o tempo faça a ilusão recuar
pois tudo é instável e irregular
e de repente o furor volta
o interior todo se revolta
e faz nossa força se agigantar*

O Cinema Belas Artes reabrirá finalmente no próximo dia 19/07. A grande imprensa tem anunciado a notícia com o alarde de um novo espaço cultural em São Paulo, ressaltando sempre a figura do grande empresário que é André Sturm que, além de dono do Belas Artes, é também cineasta e hoje responde pela bem sucedida direção do Museu da Imagem e do Som (MIS). Sem desmerecer o papel do empresário, cujo bom gosto na programação é indiscutível, é bom lembrar a todos o que vem sendo omitido pela imprensa (com qual intenção?).

Se o Belas Artes será reaberto nesta semana, muito (mais MUITO mesmo!) se deve ao movimento político feito pelos frequentadores daquele cinema. Quando a notícia fatídica foi anunciada, as negociações com o proprietário do imóvel pareciam esgotadas, embora houvesse patrocínio para o cinema e, pelo que consta, o empreendimento não era deficitário. O problema se deu por ganância do proprietário. Ele optou por fechar o cinema, pois recebeu proposta muito mais alta de uma loja.

A notícia me deixou estarecida, arrasada. Soube, pelas redes sociais, que haveria uma passeata, mas confesso que não levei a sério. Embora tenha participado de tudo quanto é passeata nesta vida (em tempos de juventude: movimento estudantil e movimento sindical), estava naquela posição conformada de quem não acredita mais nesses movimentos. Não fosse o telefonema do Beto Gonçalves (que participou de algumas reuniões do *Grupo Cinema Paradiso*), eu não teria saído do meu sofá pra ir às ruas brigar por nossa cidadania cultural. Mas fui! E me deparei com jovens que não tinham nascido nos tempos dos cineclubes, muito menos do movimento estudantil (alguns deles eram do incipiente movimento do passe livre). Aposto que as pessoas da minha geração – assim como André Sturm – não esperavam aquela manifestação explosiva da molecada que frequentava o noitão. Eles se indignaram porque estavam tirando algo

que lhes pertencia. Um importante espaço cultural da cidade se fechava e isso era inadmissível!

Reconheço que a palavra cidadania ainda era abstrata pra mim. Briguei muito por ela, sem compreendê-la totalmente. Esse movimento me encantou porque vi pessoas indignadas, brigando por seu direito à cidade! A gente se acostuma com o trânsito infernal, com o stress dos paulistanos, com a falta de oxigênio, com os cinemas multiplex com preços de ingressos abusivos e que alteram a programação sem anunciar ao público. A gente se acostuma que os filmes de ação norte-americanos ocupem 90% das salas do país, das locadoras e da programação da TV. Nosso grupo escolhe filmes que não são *blockbuster* e só falta fazermos promessa pra eles permanecerem em alguma sala, em alguma sessão pelos próximos 15 dias.

O grupo ganhou adesão dos "maduros", como eu. Beto Gonçalves tornou-se o porta voz do Movimento do Belas Artes (MBA). Nosso amigo Hirao permaneceu firme no movimento, além de outras pessoas valorosas que pressionaram os vereadores e cobraram uma ação do prefeito Haddad, à época recém empossado. Bons vereadores batalharam por nossos interesses (sim, existem bons políticos, que sabem cumprir seu papel). O Secretário da Cultura, Juca Ferreira, com seus assessores, conseguiram negociar com o proprietário do imóvel e a Caixa passou a patrocinar o cinema. Desculpem se estou sendo repetitiva ao lembrar essa história, mas é muito importante registrar que o Belas Artes agora reabre porque aqueles moleques do noitão se indignaram e gritaram! Brigaram pela sua cidadania cultural! E nós, cinéfilos, cidadãos paulistanos temos muito a aprender com essa história. Agradecemos ao MBA por sua tenacidade, por sua teimosia!

A vitória desse movimento me instiga a pensar como podemos nos organizar como espectadores de cinema. Como lutar pela diversidade de filmes que tanto queremos? Por que continuamos aceitando que donos de salas de cinema, que tratam a sétima arte apenas como negócio, nos desrespeitem tanto? O cinema brasileiro se faz com isenção fiscal, com nosso dinheiro, e nós não temos chance de assisti-lo. A quem reclamar da legenda branca em fundo branco? Chega de lamento quanto à pauperização da programação dos cinemas da cidade? Temos que ir à luta!

Cláudia Mogadouro

Edição / Diagramação:

Cláudia Mogadouro / Janete Felix Palma / Marcos Paulino
E-mail: janetepalma@gmail.com

FUNDO FINANCEIRO DO GRUPO CINEMA PARADISO

A doação voluntária, para as despesas anuais pode ser feita em qualquer valor, mas pedimos que, ao depositar, nos avise no e-mail: estherstiel12@gmail.com A conta de poupança é:
Banco: Caixa (104), ag. 0239, op. 013, nº da conta 8247-5



Apresento aqui em palavras poucas meu encontro com **A Grande Beleza**, filme com direção e roteiro de Paolo Sorrentino. O filme é imenso em riqueza de símbolos, imagens, música e drama, tendo me conduzido por muitos túneis obscuros, despertando sensações e permitindo reflexões acerca do vivido e do pressentido.

O amanhecer acolhe nas ruas os que, nela, passaram a noite. Alguns dormem em bancos nas praças, outros se abraçam, alguns cambaleiam e riem de sua condição. Jep Gambardella, aquele que nos emprestará seus olhos para este grande encontro com a morte e tudo o que a antecede, caminha lenta e elegantemente aguardando o sol para, então, adentrar em seu mausoléu, ouvir as sábias palavras de sua criada estrangeira e adormecer. (O diálogo interior, quando veraz, nos coloca diante de um estrangeiro que mora dentro de nós e que fala uma língua diferente, pensa de modo estranho a nós mesmos e obedece a leis e costumes impróprios).

Com o sol, a contemplação estética ao som de um coral cantando para ouvidos estrangeiros em uma língua também estrangeira, nos conduz por uma torre de Babel em que a Beleza provê o único entendimento válido através da paisagem, da arquitetura, das esculturas, pinturas e da música. Belíssimos!

Porém, nem toda a beleza do mundo poderia evitar a morte. Cai o pano sobre mais uma vida. Inesperadamente.

A esta morte distante se seguirão outras. "A morte está à espreita" - nos avisa Sorrentino na porta de entrada. Uma morte lenta e profunda. A morte da intimidade, do calor das relações familiares, das receitas e costumes de família. Os laços já não se fazem. O fio da vida já não tece *crochês* ou *tricôs*, apenas *dichês*. Não servem para a tecelagem. São fios escorregadios que se quebram facilmente, então, 'passam o cerol' para não romperem no encontro.

Vemos no filme uma família italiana que já não é a mesma. Nenhuma macaronada, nenhum almoço de domingo, nenhuma missa comungada junto, nenhuma criança nos braços de sua mãe, nenhum pai jogando bola com seu filho no gramado. Uma solidão tomou conta da vida, que caminha só ou permanece isolada por trás de janelas e portas que só se abrem ao relento.

Aos 65 anos, uma festa de aniversário sem sequer um familiar. Uma festa que mais se aproxima dos bailes funks da periferia do Rio de Janeiro. A festa gira em torno dos prazeres que se obtém através do uso de estimulantes de todos os tipos. A alusão ao sexo não é sutil. Aos 65 anos, uma vida que arrasta a juventude amarrada a um cavalo que segue seu galope.

As redes sociais merecem pouca atenção no filme, mas uma crítica a elas se faz mordaz. Apresenta o *facebook* como um grande espelho de Narciso onde se mostram imagens de si mesmo sob diversos ângulos, expondo a nu intimidades que a mais ninguém pertencem ou interessam.

Morre um amor antigo cujas páginas foram escritas num pequeno diário jogado fora e já não podem ser relidas ou revividas na memória. A capacidade de amar teria morrido tão cedo? Morre um jovem filho, desesperado por não haver um lugar no mundo que o acolhesse. Ele conduz sua vida velozmente para a morte, vivendo uma vida em que nada faz sentido. Sem pertencimento possível, numa família em que a mãe solitária não sabe o que fazer diante do sofrimento do filho, morre sem amigos. Morre a mulher ao lado, aquela que dividiu a intimidade de momentos compartilhados com amizade, respeito e dignidade. Uma

mulher que encontrou nas drogas a única maneira de individualização possível. E a morte. Morre, ainda, a esperança de voltar a amar, de voltar a escrever páginas brilhantes, de se realizar em seu ofício e a vida parecer que faz sentido.

As melhores páginas, Jep escreveu na juventude. Por mais madrugadas que ele atravessasse na companhia de belas mulheres, amigos do peito, festas e drogas, jamais poderá escrever páginas tão belas.

Será assim com cada um de nós? Qual é a beleza da juventude guardada em nós? O vigor das primeiras vezes, sua intensidade? A esperança de uma vida magistral? Os sonhos que tornam cada momento um tijolo mágico a construir um caminho sem volta em direção ao sucesso?

Saudosista, Sorrentino ama a nostalgia e, com ela, a melancolia de tudo o que jamais poderá vir a ser. O passado é uma amante impossível, porque morta. Impossível reler as páginas quando se desprezou caminhos e oportunidades.

Passeamos por rostos envelhecidos, por vidas mal-vividas, por mulheres mal-amadas, por homens fracassados. Vidas vividas para além dos sonhos e planos da juventude. Vidas sinuosas e turvas, hora a surpreender, hora a decepcionar. Vidas secas.

"Qual o sentido da vida?", parece perguntar Sorrentino quando se refere à grande beleza.

O filme é uma ode à beleza em fotografia primorosa insinuando ângulos indizíveis de uma Roma antiga e majestosa. Um filme sobre o tempo. Nostálgico, trágico, mágico. Num lamento, vazios e superfícies parecem impedir a construção de sentidos para as coisas vividas, pois já não se buscam as riquezas escondidas sob o que se vê. Não há mais a arqueologia do encontro.

Inúmeras referências ao sagrado interagem com as cenas, mas ele aparece desprovido de seu poder alentador. Se os laços se perdem, aquilo que nos religa ao sentido da vida já não pode ser buscado senão como mais uma experiência estéril.

Pessoas com vidas falsas, fingindo ser o que não são, impossibilitadas de entrar em contato com suas dores, mostrando sua face menos pessoal. Mães que deixam os filhos aos cuidados de terceiros, esposos que se envolvem com outras mulheres, outros homens; profissionais que usam o sexo para garantir seu sucesso ou posição.

O que se passou com aquele personagem chamado Intimidade? Ele anda por terras tão distantes que por aqui as terras se desertificaram. Raízes repetidas vezes arrancadas. Teias destruídas. Não mais a proximidade de olhar nos olhos e entender o coração. Não mais a possibilidade de ler em braille a dor do outro num abraço. Não mais a feminina posição da concha acústica a escutar e colher os sentidos e os devolver ampliados. Sequer a possibilidade de ouvir a si próprio a cantar para espantar os males.

Denise Mendes Gomes

Psicóloga, terapeuta familiar, doutora em Psicologia Social/USP, fundadora e formadora do Instituto Sistemas Humanos.

COTAÇÃO 2014

<i>O Menino e o Mundo</i>	9,50
<i>Ela</i>	9,13
<i>A Grande Beleza</i>	8,93
<i>Getúlio</i>	8,70
<i>Pais e Filhos</i>	8,52
<i>12 Anos de Escravidão</i>	8,60
<i>Hoje eu quero voltar sozinho</i>	8,47
<i>Instinto Materno</i>	8,44
<i>O Lobo Atrás da Porta</i>	8,05
<i>O Enigma Chinês</i>	8,03